



Água em lata é mais sustentável? Veja se o William Bonner tomou a melhor decisão ambiental no domingo

 valor.globo.com/empresas/esg/noticia/2022/11/02/agua-em-lata-e-mais-sustentavel-veja-se-o-william-bonner-tomou-a-melhor-decisao-ambiental-no-domingo.ghtml

 Água em lata é mais sustentável? Veja se o William Bonner tomou a melhor decisão ambiental no domingo

Quem acompanhava a apuração dos resultados das eleições 2022 no último domingo (30) pela Globo ficou curioso(a) com o som de uma lata sendo aberta ao vivo, em rede nacional, após o apresentador William Bonner dizer que iria fazer uma pausa para beber água. A dúvida sobre qual a bebida que, de fato, o jornalista estava consumindo gerou comentários da audiência nas redes sociais e o levou a se explicar, mostrando a latinha de água - e não cerveja, como muitos imaginaram.

A estranheza gerada pelos telespectadores é compreensível, já que, no Brasil, a principal embalagem de água para consumo é plástica, a garrafa PET. Mas o tema levanta outra dúvida: seria a latinha uma alternativa melhor, mais sustentável do que a garrafa plástica, para consumo de água mineral?

LEIA TAMBÉM:

O Prática ESG foi pesquisar sobre o assunto e falou com alguns especialistas e para entender as diferenças, em termos de sustentabilidade dos três materiais hoje usados: PET, caixa de papel e lata de alumínio.

O que é mais sustentável?

Do ponto de vista ambiental, qual embalagem é mais sustentável? A primeira questão, na verdade, a ser respondida é: melhor em que sentido?

“Quando falamos sobre uma embalagem ser melhor do que outra, é importante pontuar: melhor para o quê? Para emissão de carbono, para a pegada hídrica, para o pós-consumo, para a sustentabilidade de um ciclo de vida como um todo? A resposta não é tão simplista, já que alguns materiais são melhores em alguns aspectos, mas piores em outros”, pontua Stelvio Mazza, CEO da Já Fui Mandioca, indústria que fornece embalagens produzidas a partir de fécula de mandioca para comércios e companhias.

Guilherme Brammer, engenheiro de materiais e CEO da Boomera Ambipar, empresa B Corp reconhecida pelo World Economic Forum como umas das startups que estão tornando a América Latina mais sustentável, entra um pouco mais no detalhe. “A análise do ciclo de vida (life-cycle assessment), é fundamental para escolher que tipo de material é mais sustentável naquela região do mundo. Existem ferramentas hoje para entender quão agressiva é hoje a extração daquele material no meio ambiente para ele virar um produto de novo”, comenta ao Prática ESG.

Por análise de ciclo de vida, no caso das embalagens, ele quer dizer mensurar o impacto ambiental de uma desde a extração das matérias-primas na natureza, passando pela transformação em um novo produto, a ida à indústria, envase, venda e a coleta no pós-consumo. “

Quão complexo é extrair bauxita na natureza para fazer uma lata de alumínio e qual o impacto ambiental que tem isso? Qual complexo é extrair petróleo da natureza para fazer plástico, e ele virar um PET, que vai se tornar um produto? E para a produção de caixinha, qual o impacto de se produzir alumínio, plástico e papel para compor a embalagem, sua chegada ao mercado e a taxa de coleta e reciclagem?”, aponta Brammer, cuja empresa ajuda outras companhias a mudar a forma de produção em um modelo mais circular.

Para ele, é importante analisar quanto do produto original volta a ser produto original, o verdadeiro conceito da economia circular completa. Ou seja, quanto o alumínio vira lata de alumínio de novo, o plástico vira plástico de novo, e a caixinha de papel, alumínio e plástico, que é uma embalagem mais complexa, também volta a ser caixinha novamente.

Dito isso, vamos a cada uma:

LEIA TAMBÉM:

[Conheça como é feito o tênis 'sustentável' de Puma, Adidas e Nike](#)

Água em Lata



— Foto: Divulgação/ Ball

Considerando a análise da taxa de reciclabilidade dos materiais, a latinha de alumínio, sem dúvida, é um case de sucesso no Brasil. Segundo dados da Associação Brasileira do Alumínio (Abal) e da Associação Brasileira dos Fabricantes de Latas de Alumínio (Abralatas), o Brasil reciclou aproximadamente 33 bilhões de latinhas de alumínio em 2021, o que equivale a mais de 98% dos produtos consumidos reciclados.

“A conscientização das pessoas sobre a reciclabilidade dos metais e com isso do alumínio é muito antiga, é isso significa também o conhecimento sobre seu valor de revenda. O alumínio é um material praticamente 100% reciclável; isso significa que ele pode ser reciclado infinitamente sem perder as suas propriedades e pode voltar para as prateleiras como sendo o mesmo produto, (diferente, por exemplo, de vários tipos de plásticos) e isso é fundamental no valor de revenda do material”, explicou a Prática ESG Anne Caroline, catadora e influenciadora digital, em uma entrevista há alguns meses sobre circularidade do alumínio.

Outra característica que chama a atenção é o consumo até seis vezes menor de água durante a fabricação em comparação com algumas outras embalagens. Porém, o processo de reciclagem exige fornos em altas temperaturas, o que consome muito combustível para a energia. Algumas indústrias já trabalham com energia limpa, mas se for adicionado combustível fóssil, a conta começa a ficar cara para o meio ambiente.

Segundo Brammer, da Boomer, o alumínio tem a seu favor uma cadeia de produção que já se adaptou para receber latinhas e preparar sucata de alumínio para ser usado no processo produtivo, reutilizando o material.

A Abralatas viu um aumento no consumo das bebidas na embalagem de alumínio em 2021 da ordem de 5% e espera um crescimento anual do mercado de latas para águas de dois dígitos altos, entre 2023 e 2027. A Ball Corporation, produtora de embalagens sustentáveis de alumínio, explica que a primeira marca de água em lata chegou ao Brasil em 2020 e as vendas da categoria neste ano até setembro já dobraram em comparação ao ano passado. A expectativa da empresa é chegar à marca de dezenas de milhares de latas somente para esta categoria em 2023.

“Observamos um novo perfil de consumidor nas novas gerações: muito mais atento a hábitos saudáveis para os produtos que consome. Por isso, achamos incrível quando produtos como a água em lata, conectados diretamente com mensagens sustentáveis, ganham atenção”, comenta Hugo Magalhães, diretor de Marketing e Novos Negócios da Ball para América do Sul.

Como exemplos de empresas que já oferecem água em lata, ele cita a Minalba, a AMA (marca da [Ambev](#)), e a recém-chegada Mamba Water, da Better Drinks.

Água em caixa

No caso papel, que já vem sendo usada para bebidas há um tempo e agora também para venda de água mineral, há questões ambientalmente importantes a serem consideradas antes de taxar como sustentável.



— Foto: Divulgação/ Água na Caixa

Segundo a Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), o Brasil está entre os principais países recicladores de papel do mundo, com 5,1 milhões de toneladas retornando para o processo produtivo em 2018, uma taxa de recuperação estimada de 68% de todo o papel consumido.

O grande benefício do papel é que boa parte do material vem de árvores plantadas (e não desmatamento de mata nativa ou cortes ilegais) e muitas empresas procuram atender parâmetros internacionais de manejo sustentável, como o FSC, sigla de Forestry Stewardship Council. Porém, vale ressaltar que reciclar é, logicamente, melhor do que produzir mais embalagens com material ‘virgem’, e neste quesito, o papel perde para o alumínio.

Mas há pontos contras quando analisada a composição da caixinha. Ela não é feita só de papel. As do tipo Tetra Pak, por exemplo, são compostas por papel-cartão, polietileno e folha de alumínio. A mistura dificulta a reciclagem. “São sete camadas de produtos na mesma embalagem. Pela complexidade maior do processo de reaproveitamento, é uma embalagem que tem uma cadeia menos de coleta e reciclagem”, explica Brammer.

Para reciclar a Tetra Pak, é usada água para separar as fibras de papel, que depois é reutilizada, do alumínio e plástico. Esses dois últimos passam, então, por uma segunda etapa, em que se misturam para formar uma resina plástica com alumínio (polialumínio), usado por algumas indústrias.

“Ainda que a embalagem possa conter materiais reciclados, e tenham benefícios na cadeia de produção, o pós-consumo desse tipo de embalagem é um problema para a circularidade”, diz Mazza. “Mesmo a tampa, que pode ser feita, por exemplo, de cana-de-açúcar não é necessariamente biodegradável. Só é um material menos pior do que a fonte fóssil, mas é plástico do mesmo jeito”, completa.

Em comunicação recente à imprensa, a Tetra Pak explicou que vem desenvolvendo pesquisas há anos para tornar suas embalagens mais sustentáveis, aumentando o conteúdo renovável, aumentando, por exemplo, o plástico à base de plantas.

“Para manter o motor da inovação funcionando, a Tetra Pak tem investido 100 milhões de euros por ano e continuará nesta projeção nos próximos 5 a 10 anos a fim de melhorar ainda mais o perfil ambiental das embalagens para alimentos, incluindo pesquisa e desenvolvimento de embalagens feitas com uma estrutura simplificada e mais conteúdo renovável”, destaca em material enviado à imprensa.

Água em plástico

No caso da garrafa plástica, apesar de o PET poder ser 100% reciclado e moldado várias vezes, no Brasil, a taxa de reciclagem não passa de 55%, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria do PET (Abipet), de 2019. O processo de reciclagem também só é feito com a garrafa em si, depois de removida a tampa, o lacre e o rótulo, que geralmente são feitos de outro tipo de plástico, o polipropileno. Além de novas garrafas, pode ser usado para carpetes, camisetas, panos de limpeza e outros produtos.

Beatriz Luz, diretora da Exchange 4 Change Brasil, explica que estudos mais recentes, como o da consultoria alemã Sphera, confirmam que o material de maior circularidade ainda é o alumínio. O principal argumento usado é o menor uso de energia na produção de novas latinhas, mantendo assim um alto valor residual no pós-consumo e favorecendo a cadeia reversa.

“No entanto, cresce em ritmo acelerado a reciclagem de PET no mercado, com um aumento significativo do valor do material, pela lei da oferta e da demanda. Hoje, a demanda de PET reciclado já é sensivelmente maior do que a capacidade atual de coleta”, comenta a executiva.

LEIA TAMBÉM:

Setor de varejo e consumo enfrenta desafio de eliminar o plástico



— Foto: Pixabay

Ela lembra que o uso de PET para embalar alimentos tem também um grande potencial de aumento de circularidade porque as próprias fabricantes estão investindo em uso de embalagens feitas com materiais reciclados. “A tendência é que o PET faça frente ao alumínio em pouco tempo”, acredita Luz.

Desde 2020 a marca Crystal, da Coca-Cola Brasil, usa garrafas feitas 100% com material PET reciclado. A estimativa era de, em 2021, deixar de utilizar 14 mil toneladas de plástico virgem que seriam consumidas na produção de 700 milhões de embalagens de Crystal.

A Bonafont, marca de água mineral natural da Danone, assumiu o compromisso de recolher e reciclar 100% do volume de plástico que coloca no mercado até 2025, e, no mesmo período, reduzir o uso de plástico virgem em seus produtos, alcançando 50% de Rpet (PET reciclado pós-consumo) em suas garrafas – até 2030, chegar a 100%.

Outras marcas de bebidas têm também investido em reciclagem e estimulado o engradado retornável em refrigerantes e cervejas.

Para Luz, o papel é o menos indicado porque obriga o uso de multicamadas com diferentes materiais, o que torna a sua circularidade um pouco mais complexa, embora possível.

“A solução é investimento em pesquisa e design de embalagens na abordagem da economia circular. Não é só colocar toneladas de embalagens nas prateleiras - atualmente não somos capazes de reciclar nem o que é reciclável. Aí vem a indústria e faz pior, coloca

embalagens que são solução para ela, mas ou nem são recicláveis ou para serem recicladas o processo fica muito caro e não compensa pelo valor do produto final e a logística”, comenta a influenciadora Anne Caroline.

Para ela, a virada de chave é a responsabilização da indústria pela circularidade das embalagens, ao mesmo tempo em que programas comecem a educar o consumidor para separar e limpar corretamente os materiais, de modo a facilitar também o trabalho dos catadores.